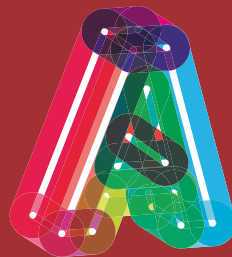


LUCA BRAY BEGINNINGS



ARTLOUNGE



LUCA BRAY

DECLARAÇÃO DO ARTISTA

Há vidas dentro de mim, um apetite insaciável para espremer de cada fragmento um universo. Esse é provavelmente o factor exagero em todos os italianos, ou o motivo de todos os latinos. Nós gostamos de ampliar assuntos mundanos convertê-los aparentemente em vida de mudanças e, o que é pior, acreditamos serem universalmente significativos. Tomo a posse de histórias que podem ou não pertencer-me, assim me lancei como protagonista. Estes personagens fictícios vivem com as minhas pinturas e eu deixo-os respirar o momento, os minuciosos detalhes, a ponto de perder contacto com o que é realidade e o que é ficção, o que é meu e o que me foi emprestado. Cada pintura é como sentar-se com alguém numa sessão privada de terapia. Interpreto uma existência e adoto-a como própria. Na falta de um termo melhor: eu roubo-te. Há um toque de ironia no meu trabalho, quase-fantasia. Uma infantil, livre distração, que dá forma à cor, e vida a essas formas. Nada é por acaso e tudo é, definitivamente, não premeditado. Creio ter também o domínio da arte de falar três idiomas da forma mais terrível possível, e realmente ter orgulho na minha capacidade de destruir-los ainda mais, utilizando-os para completar a minha pintura. Tento não perder tempo não levando nem à vida, nem a mim muito a sério. Creio que estou mais egoísta, mais infantil, em certo sentido, talvez mais ingénuo. Quero jogar só pelo do jogo. Demasiadas regras limitam meu o processo. A minha criação é visceral, imediata e transparente. Vem do interior para fora. O meu trabalho não é egoísta, embora seja o meu diálogo. Falo comigo mesmo, para mim. Preciso do ouvinte, mas não do tema. Prefiro saciar a minha necessidade do banal, deixando o pseudo-mundial de fixação para os outros. Exerço o meu direito de continuar a jogar com a minha criança interior, em lugar de estar permanente sob análise.

LUCA tornou-se parte do cenário artístico mexicano, com tanta facilidade, porque seu trabalho é, sobretudo, honesto e genuíno, longe das tendências e pressões do mercado da arte competitiva. Desde o início, suas telas apareceram como espelhos que reflecte a alma do artista: seu sorriso luminoso é convertido em ambos os tons transparentes e brilhantes, sua elegante pose e sua personalidade simples e lúdica, tornam-se raios de alegria, marcando cores que evocam ritmos musicais em suas composições harmoniosas e equilibradas. A alegria é o termo preciso para descrever o que seu trabalho provoca em mim. Um gozo velado por melancolia que são provocadas por frases escritas entre as manchas coloridas. Há muita poesia nessas palavras, que pode ser decifrado, como em um manuscrito antigo vendo através das muitas camadas de material. Eles são talvez, fragmentos do livro das suas memórias que são projetados e transformados, dia a dia... que nunca termina.

PAISAGENS DO DESEJO

Eu conheci Luca em 1998. Do momento em que visitei pela primeira vez seu estúdio, eu poderia dizer, não só da sua linguagem artística, mas também de sua boa índole e fina sensibilidade, e que eu estava lidando com um artista sui generis. Sua pintura me cativou: espontaneidade, frescura e senso de humor, amarrados todos juntos em uma técnica impecável, foram as primeiras qualidades que eu descobri no trabalho não-figurativo do jovem italiano imigrado recentemente para o México. ¶ Em 1999, tive o prazer de apresentar sua primeira exposição individual em Lamm Casa intitulado de Un Solo Instate. Ambos o público e a crítica abraçou-o, e sua obra começou a decolar no complexo mundo da arte contemporânea. LUCA tornou-se parte do cenário artístico mexicano, com tanta facilidade, porque seu trabalho é, sobretudo, honesto e genuíno, longe das tendências e pressões do mercado da arte competitiva. Desde o início, suas telas apareceram como espelhos que reflecte a alma do artista: seu sorriso luminoso é convertido em ambos os tons transparentes e brilhantes, sua elegante pose e sua personalidade simples e lúdica, tornam-se raios de alegria, marcando cores que evocam ritmos musicais em suas composições harmoniosas e equilibradas. A alegria é o termo preciso para descrever o que seu trabalho provoca em mim. Um gozo velado por melancolia que são provocadas por frases escritas entre as manchas coloridas. Há muita poesia nessas palavras, que pode ser decifrado, como em um manuscrito antigo vendo através das muitas camadas de material. Eles são talvez, fragmentos do livro das suas memórias que são projetados e transformados, dia a dia... que nunca termina. ¶ A partir de 1999 e 2011, apresentamos sete mostras individuais do trabalho de Luca em LAMM CASA, A evolução do artista tem sido notória. As buscas de LUCA, descobertas, perguntas, experimentos, e seu trabalho, sempre sincero e comprometido com o seu vocabulário pessoal, torna-os cada vez mais ricos, tanto na forma como também no conteúdo. Ele não é apenas mais um Italiano e Mexicano, mas também Barcelono, Japonês e Nova-Iorquino, mas o mais importante de tudo é que ele ainda é, e sempre será, LUCA BRAY. ¶ Sua pintura sempre me pareceu como uma metáfora da paisagem: em suas telas os ventos do Mediterrâneo soprando, ventos estes que permite-nos ver entre as camadas de tinta translúcidas, vezes quase imperceptível traços como as nuvens, ondas, espumas, nevoeiro, ar, água... São paisagens de desejo que simbolizam o estado da alma e levam para a contemplação. Uma arte a ser sentida através da visão e do sonho. Uma arte que emana do coração e vê-se emoção e poesia. LUCA BRAY deixou fragmentos de seu coração no México, impresso em suas obras de arte.

Germaine Gómez Haro,
Director of promotion and culture, casa lamm. Mexico city
critic and published authour

ENTREVISTA COM LUCA BRAY

Luca Bray me recebe com um sorriso, com aquele ar de exuberância que sempre o distinguiu. Você se pergunta de onde vem sua alegria, que é o combustível que queima o fogo brilhando em seus olhos. Lembro que uma vez, algum tempo atrás, quando nós nos encontramos em Versalhes, e eu, observando-o, compreendi que ele tinha tudo para ser feliz: um longo caminho antes dele, e acima de tudo, o desejo de viajar dentro da curiosidade de descobrir o que estava escondido em cada canto. É com esta imagem presente que eu começo minhas perguntas.

Como Luca começou?

Estudei e me formei na Academia de Belas Artes Brera, em Milão, em 1992. Enquanto estudava meu terceiro ano, decidi fazer uma viagem ao México. Aquele país me enfeitiçou. Fiquei por lá um mês, aproveitando as férias de um turista normal e organizado em toda a viagem. Como os estrangeiros quando visitam a Itália: usualmente, Veneza a Milão, de Florença a Roma, Nápoles, etc. Prometi a mim mesmo que voltaria o mais rápido possível, mas da próxima vez seria para viver e trabalhar. Quando me graduei em Brera, voltei para o México. Era para ter sido um ano sabático, mas durou apenas quatro meses, tempo bastante para gastar até ao último centavo que eu tinha guardado.

E o que você fez nesses quatro meses?

Assim que meus pés tocaram solo mexicano, experimentei a sensação mais bonita da minha vida. Eu não conhecia ninguém e lá no meio do aeroporto, me perguntei: e agora? Entrei no metro e peguei o primeiro trem. Eu queria ir para o centro da cidade, mas não sabia onde estava e não falava espanhol. Não tive outra escolha senão confiar nos meus instintos. Notei uma parada chamada Zócalo, nome que me lembrou a palavra italiana para obstruir ou sapato de madeira, Zoccolo, e resolvi ir lá. Sem saber, era a praça principal, o coração da Cidade do México! Era a maior praça que eu já tinha visto. Senti-me frágil, animado e assustado ao mesmo tempo. Fiquei num hotel horrível no centro da cidade. No décimo primeiro dia, era hora de partir. Eu tinha comigo uma coleção de mapas e roteiros para chegar ao Brasil de auto-carro.

Brasil?

Sim, o meu plano original era um tour na América do Sul e Central: Brasil, Honduras, Panamá... mas eu nunca fiz isso. Conheci alguém que iria decidir o meu futuro! Quis o destino assim. Eu estava visitando a catedral da Cidade do México quando um rapaz veio até mim e começamos uma conversa que me levou a explicar quem eu era e quais eram as minhas intenções. Ele deve ter pensado que eu andava perdido ou alguma coisa, porque me perguntou se precisava de ajuda. Eu confessei que ainda não tinha visto o Centro de Arte Contemporânea e ele se ofereceu para me acompanhar. Fomos e depois da visita, nos separamos. Foi então que minha "aventura mexicana começou". Pouco antes de partir, o amigo recomendou-me para não sair do México, pois queria que eu me encontrasse com um dono de galeria e um escultor, ambos amigos dele. Seu amigo, o artista, era Javier Marin, um dos maiores escultores contemporâneos do México.

Javier e eu nos tornamos amigos instantaneamente. Ele imediatamente me levou e me apresentou ao mundo da arte na Cidade do México. Quatro meses e depois voltei para Itália, porque minha mãe estava cansada de me carregar com seu cartão de crédito. Eu resisti um ano em Itália. Abri o Cicero: um restaurante mexicano, nome em homenagem ao bar em que celebrei a minha última noite no México, e terminei o serviço militar obrigatório. Apesar de todos duvidarem não acreditarem que eu deixaria minha cidade natal de Soncino, à noite, quando terminei o serviço militar, eu estava num avião e voltando à Cidade do México.

Onde ficou por um bom tempo...

De 1996 a 2001, e foi uma experiência extraordinária. Eu ainda hoje, considero minha família mexicana como a minha verdadeira família

É isso que você sempre sonhou?

Não, para ser muito honesto eu gostaria de ser um bailarino profissional. Dançando eu me sentia completo. Uma ocasião, prendi colheres à sola dos meus sapatos e dançei sapateando para minha mãe. Eu lhe disse que queria estudar dança, mas ela explicou que com duas outras crianças para cuidar, isso era impossível. Eu decidi ceder à veia artística, ao inscrever-me na Escola de Artes. Era natural continuar na Academia Brera de Artes, mas fiquei um pouco decepcionado no começo. Pensei que eu estaria indo para um lugar onde poderia inalar ARTE, onde eu seria capaz de fazer amigos queridos e encontrar indivíduos especiais e criativos. Mas não era nada como eu tinha imaginado. Realizei imediatamente que era um ambiente fechado e restrito, ninguém estava interessado em ninguém e a maioria carecia de vontade de experimentar, colocar-se em risco. Aprendi lentamente a amar a academia. Meu amor pelo abstrato realmente nasceu por causa de um professor em particular, que desejava restringir-me a um estilo mais tradicional e figurativo da pintura. Ele ensinou-me a respeitar as regras do clássico, enquanto ao mesmo tempo, focando na figura humana, e em modelo, verdadeiramente horríveis nós éramos forçados a desenhar.

Tudo isso tem permitido desenvolver bases sólidas. Esta lhe ensinou a “dominar o mercado”, como se diz. Sua preferência pelo não-figurativo é uma escolha consciente...

Influenciado por este professor, próximo do final procurei basicamente fazer com que ele aceitasse minha visão pessoal — minha figura e desenhos não dispunham de partes de seus corpos: um braço, uma perna ou um olho e isso me ajudou bastante. Vim a entender que eu estava mais interessado na pintura abstrata, que a minha abordagem à pintura passa por uma transformação da realidade como nós a conhecemos, ou como aparece. Lembro que log na altura do secundário quis fazer experiências. Uma vez, coleí todo o comprimento da fita de uma cassete de áudio numa folha de papel, e adicionei o conteúdo inteiro de um tubo de creme dental. Era verão e havia moscas e abelhas, que acabaram presas no papel. Como secou, acidentalmente criei uma magnífica natureza morta!

Você sempre pensou em ficar e trabalhar na Itália?

Não, para ser muito honesto nunca. Quando sai da Itália não estava completamente certo do que eu ia fazer, mas mesmo antes de sair era certo do que eu não queria. A Itália tornou-se pequena demais para mim. Após Brera, poderia ter ficado de Milão, e ter procurado um trabalho por lá, mas não estava em mim. Eu sentia como se as coisas estivessem demasiado fechada à minha volta. Queria uma grande cidade. Uma metrópole, caos, poluição, são todos elementos adaptáveis ao meu jeito de ser. É assim que acabei na maior cidade do mundo: Cidade do México interminável, ao lado dela, mesmo Nova York parece pequena.

O que é ser um artista – criar arte significa o quê para você? Você cria pela necessidade de expressão, para conseguir um lugar neste mundo, ou talvez uma forma de dar ou deixar algo para trás?

Sendo honesto, nunca tive uma definição clara e precisa sobre mim. Sei que hoje, minha arte é meu oxigênio. O fato de ser reconhecido ou de ter encontrado o meu caminho não é de todo importante. Eu vivo o momento, o ‘Hoje’, eu não estou interessado no que será, principalmente porque acredito que meu bem-estar de hoje vai influenciar o meu bem-estar amanhã. Eu nunca paro de me perguntar o que o novo dia pode trazer. Eu amo acordar e simplesmente desfrutar da manhã. Por exemplo em Nova York eu estaria no meu estúdio com minhas mãos já sujas com tinta, isto antes das oito da manhã, e estaria felicíssimo. Esse foi o meu café da manhã ...

Assim, você cria para si, para seu próprio bem estar, mas ao mesmo tempo, também para fazer os outros se sentirem bem? Eu li em uma entrevista há algum tempo que você considera a arte como um meio para transmitir sensações positivas...

Sim, provavelmente um pouco de ambos. Para ser honesto, no começo sempre foi uma necessidade pessoal. Eu já não tenho a presunção de que todos podem obter algo benéfico de minhas pinturas. O que eu espero é que o espectador possa encontrar algum sentido no meu trabalho, mesmo que o significado não tenha nada a ver com a minha intenção inicial. Não importa, isso me enche de alegria, ouvir os comentários feitos sobre o meu trabalho. Histórias que as pessoas criam tornam-se então as minhas histórias. A maior satisfação é poder dar estímulo de fantasia para as pessoas, dar criatividade a alguém.

Eu notei que você costuma escrever sobre suas telas. Qual é o significado por trás das palavras? Você as aplica a fim de comunicar, para dar o significado da obra, para chamar a atenção, estimular a criatividade, ou há algo especial com a escrita que não conheço?

Sim, eu escrevo muito e isso é automático. A escrita é o que me ajuda a quebrar o contato inicial com o branco da tela.

Então, é o primeiro passo?

Sim, eu escrevo imediatamente. Às vezes as palavras retornam, outras vezes desaparecem e são substituídas. Elas podem se tornar o título da peça, elas podem explicar, elas podem até mesmo ajudar dando o sentido. Cada pintura é diferente.

Eu estou certo que você está ciente do poder que as palavras podem ter, de seu encanto e a sua riqueza de valor ...

Palavras são movimento para mim. Escrever é como estar a pintar. No momento que escrevo também estou pintando e, acima de tudo, por escrever ganho controle sobre essa tela em branco que tanto me assusta.

Mesmo que você prefira trabalhar com uma paleta de cores fortes, muitos de seus trabalhos são estudos de branco a envolver os seus muitos tons diferentes...

Sim, mas eles não eram brancos no início. Eles não são branco embaixo. A tela branca torna o produto acabado, e não ponto de partida. Eu começo com as palavras, então vêm as cores, portanto o processo de simplificação começa. Removo tudo aquilo que é excessivo, de forma a reduzir os elementos ao mínimo. Eu pinto a tela até transbordar e, tendo a certeza que está cheia, pinto ainda mais, pois sei que no fim vou acabar quebrando-a somente no absoluto necessário.

Você procede por remoção, então...

É isso que eu estou a tentar, porque às vezes eu gostava de ter um trabalho mais neutro, mais essencial, e ainda assim percebo que se isso acontecesse, eles deixariam de ser um reflexo de quem eu sou, porque eu não sou essencial! Através da minha pintura, descubro o meu eu, minhas necessidades são inflamadas e tento o meu melhor para satisfazê-las. Eu sinto a necessidade de conhecer, comunicar com outros, para observar tudo e todos. Para se sentir vivo e estimulado por meu ambiente, pelas pessoas próximas para mim, isso é parte de mim. Caso contrário, não saberia o que pintar. Por exemplo: ficar em Soncino não iria inspirar-me. Preciso de circulação. Eu posso trabalhar à vontade e não faltam idéias ou inspiração, mas a longo prazo, a quietude do campo, o fluxo do rio, os sons da natureza criam mais angústia do que paz. Meu mundo ideal é o sol, o mar e o ruído.

Por que sente o medo do vazio e do silêncio?

Prouavelmente, porque eu realmente não sei como ficar sozinho. A solidão sempre me assustou.

E mesmo assim você aceitou o desafio de sair do seu país, por conta própria, para um país estrangeiro, do outro lado do mundo, onde ninguém sabia de você, e não teve absolutamente nenhum apoio! Significará isto que você se sente atraído pela idéia de ser sozinho, ou talvez fazer de isso por conta própria?

Eu não acredito, eu SOU. Eu sempre amei o que não está em mim, o desconhecido. Possivelmente, é por isso que eu estou sempre pronto para um desafio, ou por que sempre acabo por me distanciar das pessoas ou coisas que me fazem sentir limitado em minha maneira de ser ou de expressar o que sou. Talvez essa seja a principal razão por ter deixado a Itália. Talvez isso explique porque o meu amor pelo México foi muito maior do que o meu amor por Barcelona. Espanha é muito semelhante a Itália, com a cultura, a maneira como as pessoas enxergam a vida e a maneira como interagem. Eu realmente espero um dia ser capaz de voltar a Itália, minha Itália, e sentir-me confortável como sinto do outro lado do oceano.

Voltando às pinturas, quem foi, ou quais são os artistas que, de alguma forma, o tem influenciado, ou que você admira?

Para começar, durante meus anos na escola, eu era extremamente interessado por Klimt, pois ele encobria as figuras com luz e camadas de ouro, o que eu detestava. Braços, pernas, tudo estava coberto por ouro... Depois, descobri os fantásticos contornos e traços de Egon Schiele e Kokoshka. Entre os italianos, devo mencionar Emilio Vedova e Gastone Novelli. Sou especialmente fascinado pelos Estudos Gráficos de Novelli. E Tony Cragg é definitivamente o meu escultor de escolha.

Mesmo que os seus quadros sejam tão profundamente diversos, principalmente por causa da estratificação emocional que falei anteriormente, trazem à mente um grande artista italiano: Alberto Burri. Com Burri, no entanto, existe um grande sentimento de angústia, dor, desespero e muitas vezes fúria. No seu trabalho, não importa como possa estar carregado emocionalmente, estes sentimentos não são evidentes. Será por isso que não usa a pintura como maneira de projetar essas emoções negativas?

Isso não poderia dizer, mas posso dizer: acredito que jamais poderia pintar "angústia" ou "dor".

Mesmo que sejam parte das emoções de todos os dias?

Não, eu nunca poderia imaginar ver meu sofrimento pendurado por um prego na parede. Isto se tornou uma coisa natural, para transformar a dor que pode inspirar-me a pintar. É um tipo de auto-análise. Pintar me ajuda a vencer os momentos mais difíceis. O resultado final de um quadro representa o depois, a paz, tranquilidade interior. Por exemplo, quando eu dediquei uma de minhas pinturas a minha avó. Foi intitulado *A Agenda Oculta da minha Avó*. Nele, eu combinei tudo o que ela significou para mim. A pintura é a minha avó, e faz-me lembrar o quê e quanto ela significava para mim. Às vezes, as frases que escrevo representam uma série de eventos que tenho experimentado na vida, muitas das quais são extremamente dolorosas. Uma tela diz: "As vezes eu penso na onda e tudo passa... Às vezes a única que passa é a onda." Este é um dos meus favoritos, pois marca o fim de um evento muito importante na minha vida, em que eu fui capaz de superar um desafio. Graças às imagens da imensidão do oceano, que fui capaz de conquistar a claustrofobia que me atormentou durante anos. Em outro quadro, eu escrevi: "não há mais qualquer espaço para mim no oceano. Vou agora tentar o céu." Esta frase simbolizou minha necessidade de avançar e deixar a Cidade do México, em 2002.

Então, pela sua pintura você chega à realização de quem você é, e o que tem conquistado. Sua pintura o tem acompanhado nas grandes mudanças que você experimentou na vida e isso obriga-o a migrar em busca de inspiração. Depois do México você esteve em Barcelona há algum tempo, Nova York. E agora, onde a sua pintura o vai levar ?

Agora estou a planejar mudar para Tóquio, sempre foi um sonho meu. Penso

que iria me ajudar imenso, especialmente minha arte. Espero ir muito em breve. Estou muito atraído pela ideia de estudar a cultura e acima de tudo, rodear-me de arte oriental. Me intriga muito a sua caligrafia.

E para você qual é a importância dos relacionamentos humanos, pessoas e encontros casuais?

Muito importante, relações humanas são fundamentais. Respeito é primordial. Sem as pessoas que encontrei na vida eu não seria quem sou hoje.

A maioria dos artistas são obrigados a aceitar compromisso a fim de se tornar uma parte do mundo da arte notoriamente cínico e cruel e para poder trabalhar. E quanto a você? Qual a sua opinião sobre isso?

Eu não posso ser hipócrita e dizer que meu trabalho, como a maioria do trabalho dos artistas, não tem o lado comercial, ligada ao dinheiro e aos lucros. Preciso do dinheiro, não só para viver, mas também para continuar a pintar, para comprar os materiais, as telas, as cores, para poder ter a liberdade para experimentar ou viajar. No entanto, nunca iria consentir em negar o meu verdadeiro eu. Se eu fosse forçado a me tornar em alguém, definitivamente seria um rebelde, mas prefiro encontrar um outro caminho diferente. Os verdadeiros enamorados com a arte e o que ela engloba são poucos, você pode contá-los nos dedos da mão. E se você tiver sorte suficiente para encontrar alguém que é, você deve tentar mantê-los por perto. Aqueles que vêm e te tratam apenas como um activo ou uma estrela para os negócios abundam, e eu sempre tentei mantê-los à distância. Livrou-me de muitos, mas outros infelizmente não tenho sido capaz de evitar. O risco é ficar de fora. Se você está muito isolado, você não tem mais nenhuma possibilidade de exprimir-se, e para mim, arte é toda sobre expressar-se

Antonella Fabemoli,
Art critic and writer



CAMBIO
2010
—
óleo sobre tela / oil on canvas
236 x 200 cm



LUCHANDO
2011
—
óleo sobre tela / oil on canvas
240 x 160 cm



VOLANDO
2010
—
óleo sobre tela / oil on canvas
280 x 180 cm



FUEGO
2011
—
óleo sobre tela / oil on canvas
210 x 180 cm



LAGGIU'
2010
—
óleo sobre tela / oil on canvas
240 x 160 cm



LA FINE
2011
—
óleo sobre tela / oil on canvas
300 x 190 cm



YO DELFINO
2010
—
óleo sobre tela / oil on canvas
240 x 140 cm



EL INCENDIO
2010

—
óleo sobre tela / oil on canvas
220 x 200 cm



MI VDA
2011
—
óleo sobre tela / oil on canvas
100x 100 cm



BUSCANDO EL MAR
2011
—
óleo sobre tela / oil on canvas
100 x 100 cm



EL NIDO
2011
—
óleo sobre tela / oil on canvas
70 x 100 cm



TODO CAMBIO
2011
—
óleo sobre tela / oil on canvas
70 x 100 cm



ARTIST STATEMENT

There lives within me an insatiable appetite to squeeze from every fragment a universe. That's probably the exaggeration factor in all Italians, or all Latin's for that sake. We enjoy amplifying mundane issues and converting them into seemingly life changing happenings, and what's worse, we believe them to be universally significant. I take possession of stories that may or may not be my own and cast myself as the protagonist. These fictitious characters live within my paintings and I let them breathe the moment, the minute details, to the point in which I lose touch with what is reality and what is fiction; what's mine and what I've borrowed. Each painting is like sitting in at someone else's private therapy session. I interpret an existence and adopt it as my own. For a lack of a better term: I steal you. There is a touch of irony in my work, a quasi-whim. An infantile, unattached distraction, which gives shape to color and life to those shapes. Nothing is accidental and everything is most definitely unpremeditated. I believe I have also mastered the art of speaking three languages as terribly as possible and actually take pride in my ability of destroying them even further by using them to complete my paintings. I try not to lose time by taking neither life, nor myself too seriously. I believe I'm more selfish, more childlike in a sense, maybe more naïve. I want to play for the sake of playing. Too many rules limit my process. My creation is visceral, immediate and transparent. It comes from the inside out. My work is not selfish though my dialogue is. I talk to myself, for myself. I need the listener but not the topic. I prefer to indulge my need for the banal while leaving the pseudo-world-fixing to others. I exercise my right to continue playing with my inner child in place of permanent over-analysis.

Luca became part of the Mexican art scene with such ease, because his work is, above all, honest and genuine, far from the tendencies and the pressures of the competitive art market. From the very beginning his canvases appeared to me as mirrors reflecting the soul of the artist: his luminous smile is translated into both transparent and brilliant tones, his elegant pose and his simple and playful personality become rays of joyful, measured colours which evoke musical rhythms in his harmonious and balanced compositions. Joy is the precise term to describe that which his work provokes in me. An enjoyment veiled by melancholy which are brought on by the phrases written amongst the colourful stains. There is much poetry in those words, which can be deciphered, as in an antique manuscript by seeing through the many layers of material. They are perhaps fragments of the book of his memories which are projected and transformed, day by day... never-ending.

LANDSCAPES OF DESIRE

I met Luca Bray in 1998. From the moment I first visited his studio, I could tell, not only from his artistic language, but also from his kind character and fine sensibility that I was dealing with a sui generis artist. His painting captivated me: freshness, spontaneity and a sense of humour, all tied together in an impeccable technique, were the first qualities I discovered in the non-figurative work of the young Italian recently immigrated to Mexico. ¶ In 1999 we had the pleasure of presenting his first solo show in Casa Lamm titled *In un solo istante*. Both the public and the critics embraced him and his work began to takeoff in the intricate world of contemporary art, which, in our country, is rich with well-established young creators. Luca became part of the Mexican art scene with such ease, because his work is, above all, honest and genuine, far from the tendencies and the pressures of the competitive art market. From the very beginning his canvases appeared to me as mirrors reflecting the soul of the artist: his luminous smile is translated into both transparent and brilliant tones, his elegant pose and his simple and playful personality become rays of joyful, measured colours which evoke musical rhythms in his harmonious and balanced compositions. Joy is the precise term to describe that which his work provokes in me. An enjoyment veiled by melancholy which are brought on by the phrases written amongst the colourful stains. There is much poetry in those words, which can be deciphered, as in an antique manuscript by seeing through the many layers of material. They are perhaps fragments of the book of his memories which are projected and transformed, day by day... never-ending. ¶ From 1999 and 2011, we have presented seven individual shows of Luca's work at Casa Lamm. The artists' evolution has been notorious. Luca searches, discovers, questions, experiments, and his work, always sincere and engaged with his personal vocabulary, becomes ever the more rich in both form and content. He is no longer just Italian and Mexican, but also Barcelonan, Japanese and a New Yorker, but what is most important of all is that he is still, and always will be, Luca Bray. ¶ His painting has always seemed to me as a metaphor of the landscape: on his canvases the winds of the Mediterranean blow, those winds which permit us to see between the diaphanous layers of paint, almost unperceivable traces of clouds, waves, fog, foam, air, water... They are landscapes of desire which symbolize the state of the soul and they lead towards contemplation. An art to be felt through vision and dreaming. An art which emanates from the heart and distils emotion and poetry. Luca Bray has left fragments of his heart in Mexico, printed upon his works of art.

Germaine Gómez Haro,
Director of promotion and culture, casa lamm. Mexico city
critic and published author

LUCA BRAY

LUCA BRAY INTERVIEW

Luca Bray receives me with a smile, with that air of exuberance that has always distinguished him. You ask yourself where his elation comes from, which is the fuel that burns the fire shining in his eyes. I remember once, quite a while ago, that we met at Versailles. Observing him I realised he had everything necessary to be happy: a long road before him, and above all, a desire to travel down it with the curiosity to discover that which was hidden around each corner.

It is with this image present that I begin my questions.

How did Luca begin?

I studied and graduated from the Brera Fine Arts Academy in Milan. In 1992, while studying my third year, I decided to take a trip to Mexico. That country bewitched me. I was there for a month, enjoying the typically organised tourist holiday with all of the usual pit stops. Like foreigners coming to Italy: they pack you up and ship you from Venice to Milan, to Florence, Rome, Naples etc. I promised myself I'd return as soon as possible but the next time I'd truly live it, and work. The moment I graduated from Brera I returned to Mexico. It was meant to have been a sabbatical year but lasted only four months, just enough time to spend every last penny I had saved.

And what did you do in those four months?

As soon as my feet touched Mexican soil, I experienced the most beautiful sensation of my life. I didn't know anyone and standing there in the middle of the airport, I asked myself: and now what? I entered the subway and grabbed the first train available. I wanted to head downtown but not knowing where it was and not speaking any Spanish I had no other choice but to trust my instincts. I spotted a stop named Zocalo that reminded me of the Italian word for clog or wooden shoe: zoccolo, decided to get out there and wouldn't you know it, it was the main plaza, the heart of Mexico City! It was the largest town square I had ever seen. I felt tiny, excited and frightened at the same time. I stayed a while downtown in a horrible hotel. On the eleventh day it was time to leave. I had with me a collection of maps and itineraries to reach Brazil by bus.

Brazil?

Yes, my original plan was to tour central and South America: Brazil, Honduras, Panama... But I never made it! As fate would have it, I made an acquaintance that would decide my future. I was visiting Mexico City's Cathedral when a guy came up to me beginning a conversation which led me to explain who I was and what my intentions were. He must have thought I was lost or something because he asked me if I needed help. I confessed I hadn't yet seen the Contemporary Art Centre and he offered to accompany me. We went and after the visit, parted ways. It was then that my 'Mexican Adventure' began. Just before leaving, the guy recommended I not leave Mexico just yet because he wanted me to meet a gallery owner and a sculptor, two friends of his. His friend, the artist, turned out to be Javier Marin, one of Mexico's greatest contemporary sculptors. Javier and

I became friends instantly. He immediately took me around and introduced me to the art world in Mexico City. Four months and then it was back to Italy because my mother was tired of me charging her credit card. I resisted one year in Italy. I opened the Cicero: a Mexican restaurant named in homage to the bar in which I celebrated my last night in Mexico, and I completed my obligatory military service. Despite everyone doubting me and not believing I'd leave my hometown of Soncino, the very night I finished the military service I was on a plane and on my way back to Mexico City.

Where you stayed for quite a while...

From 1996 to 2001, and it was an extraordinary experience. I still today, consider my Mexican family as my true family.

Is this what you had always dreamed of?

No, to be very honest I wanted to be a professional dancer. It was only when dancing that I felt completely content. On one occasion I taped spoons to the soles of my shoes and danced tap for my mother. I told her I wanted to study dance but she explained that with two other children to care for, it was impossible. I decided to give in to my artistic vein by enrolling in the school of arts. It was only natural to continue on to Brera Academy of Arts even though I was somewhat disappointed by it in the beginning. I thought I'd be going to a place where I could inhale art, where I'd be able to make dear friends and find special, creative individuals. It wasn't at all as I had imagined. I realised immediately that it was a closed and limited environment where nobody was interested in anyone else and most lacked the will to experiment, to place themselves at risk. I slowly learned to love the Academy. My love for the abstract was actually born at the Academy because of one professor in particular who wanted to constrain me to a more traditional, figurative style of painting. He tried to make me respect the classic rules while at the same time focusing on the human figure and the truly horrible models we were forced to draw.

All of this has permitted you to develop solid foundations, it has taught you to "Dominate the medium" as they say. Your preference for the non-figurative is a conscious choice...

In continuing with this professor's class, by the end it was basically making him accept my personal vision – my figure drawings often lacked parts of their bodies: an arm, a leg or an eye – it helped me quite a bit. I came to understand that I was more interested in abstract painting, that my path towards painting passed through a transformation of reality as we know it or as it appears. I can remember that as early as high school I always wanted to experiment. Once I glued the entire length of tape from an audio cassette to a sheet of paper. I added the entire contents of a tube of toothpaste. It was summer and both a fly and a bee stuck to the paper as it dried, accidentally creating a quite magnificent still-life!

Have you ever thought of staying and working in Italy?

No, to be very honest never. When I left I wasn't completely certain of what it was I was going to do, but even before leaving I was certain of what I didn't want. Italy was too small for me. After Brera, I could have stayed in Milan and looked for work, but it simply wasn't in me. I felt as if things were too closed off around me.

I wanted a large city. A metropolis, pollution, chaos are all elements more adapt to my way of being. That is how I ended up in the largest city in the world: the endless Mexico City, next to which, even New York seems small.

What does being an artist - creating art mean to you? Do you create from necessity, to express yourself, to conquer a place in this world, or maybe even as way to give, to leave something behind?

I've honestly never had a clear, precise definition of myself. I know that today, my art is my oxygen. The fact that I am recognised or that I have found my path is not at all important. I live the moment, the 'today', I'm not interested in what will be mainly because I believe that my being well today will influence on my wellbeing tomorrow. I never stop to ask myself what the new day may bring. I love to awake and simply enjoy the morning hours. For example, in New York I would be in my studio with my hands already dirty with paint, way before eight in the morning and I was at my happiest. That was my breakfast...

So you create for yourself, for your own wellbeing, but at the same time to also make others feel good? I read in an interview you gave some time ago that you consider art as a means to transmit positive sensations...

Yes, probably a little of both. To be honest, at the beginning it was always a personal need. I no longer have the presumption that everyone may obtain something beneficial from my paintings. What I hope for is that the spectator may find some meaning in my work, even if that meaning has nothing to do with my initial intention. It doesn't matter. It fills me with joy to hear comments made about my work. The stories people create become then my stories. The greatest satisfaction is to be able to stimulate another's' fantasy, someone else's creativity.

I've noticed that you frequently write upon your canvases. What is the meaning behind the words? Do you apply them in order to communicate, to give the piece meaning, to draw attention, to stimulate creativity or is there something particular about the writing we don't know?

Yes, I write a lot and it's automatic. The writing is what helps me break the initial contact with the white of the canvas.

So it's the very first step?

Yes, I write immediately. Sometimes the words return, other times they disappear and are replaced. They can become the title of the piece, they can explain, they can even help by giving meaning. Each painting is different.

I'm certain you're aware of the power words can have, of their charm and of the richness of their value...

Words for me are movement. Writing is like painting. While writing I am actually painting and above all, by writing I gain control over that white canvas which so frightens me.

Even though you prefer to work with a strong colour palette, many of your works are studies of white and involve its many different shades...

Yes, but they weren't white in the beginning. They are not white underneath. They white canvas becomes the finished product and not the starting point. I begin with the words, then comes the colour, then the process of simplification begins. I remove all that which is excessive in order to reduce the elements to a minimum. I paint until the canvas is overflowing and once I'm certain it's full, I paint even more even though I know that in the end I will end up breaking it down to only the absolute necessary.

You proceed by removing then...

That is what I try because at times I'd love for my work to be more neutral, more essential and yet I've come to realise that if that were to happen, they would no longer be a reflection of who I am because I'm not essential! Through my painting, I discover my self, my needs are ignited and I try my best to satisfy them. I feel the need to know, to communicate with others, to observe everyone and everything. To feel alive and stimulated by my surroundings, by the people close to me, that are part of me. Otherwise, I wouldn't know what to paint. Remaining still on one spot, for example: staying in Soncino would not inspire me. I need movement. Now that's not to say that I'm not content here. I can work at ease and do not lack ideas or inspiration, but in the long run, the stillness of the countryside, the river's flow, the sounds of nature create more anguish than peace. My ideal world is the sun, the ocean and noise.

Why do I sense such a fear of emptiness and silence?

Probably because I don't really know how to be alone. Solitude has always frightened me.

And even so you accepted the challenge of leaving, on your own, to a foreign country on the other side of the world where no one knew you and you had absolutely no support! Does this mean that you're attracted to the idea of being alone, or maybe making it on your own?

I don't believe I am. I've always loved that which is not me, the unknown. That is possibly why I'm always up for a challenge or why I always distance myself from things or people that make me feel limited in my way of being or of expressing who I am. Maybe that's the main reason I had to leave Italy. Maybe it explains why My love for Mexico was so much greater than my love for Barcelona. Spain is very similar to Italy as far as the culture, the way people see life and they way in which they interact. I truly do hope that one day I'll be able to return to Italy, my Italy, and feel as comfortable as I do overseas.

Returning to your paintings, who were and who still are the artists which have in some way either influenced you, or you admire?

To begin with, during my years at school, I was extremely interested in Klimt because he covered those figures which I so detested with light and layers of gold. Arms, legs, everything was covered by gold... Later, I discovered the fantastic outlines and traces of Egon Schiele and Kokoshka. Amongst the

Italians I must mention Emilio Vedova and Gastone Novelli. I am especially fascinated by Novelli's graphic studies. Tony Cragg is definitely my sculptor of choice.

Even though your paintings are so profoundly diverse, mainly because of the emotional layering we spoke of earlier, they bring to mind a great Italian artist: Alberto Burri. With Burri though, there exists a great sense of anguish, pain, despair and very often fury. In your work, no matter how emotionally charged the paintings may, these sentiments aren't evident. Could it be that you don't use your paintings as a screen upon which to project these negative emotions?

I couldn't tell, but I can say that I don't think I could ever paint 'anguish' or 'pain'.

Even though they are part of every day emotions?

No, I could never imagine seeing my pain hanging from a nail on a wall. It has become a natural thing for me to transform the pain that may inspire me to paint. It's a type of self-analysis. Painting helps me overcome the more difficult moments. The final result of a painting represents the after, the peace, the inner tranquillity. For example when I dedicated one of my paintings to my grandmother. It was titled The hidden diary of my grandmother. In it, I combined all that which she meant to me. That painting is my grandmother, it reminds me what and how much she meant to me. Sometimes, the phrases I write concentrate a series of events I have experienced in life, many of which are extremely distressing. One canvas says: "At times I think of the wave and everything passes. Sometimes, the only that passes is the wave." It is one of my favourites because it marks the end of an extremely important event in my life in which I was able to overcome a challenge. Thanks to the images of the ocean's immensity, I was able to conquer the claustrophobia which had been tormenting me for years. In another painting, I wrote: "There is no longer any space for me in the ocean. I will now try the sky." This phrase symbolised my need to move on and leave Mexico City in 2002.

So by painting you come to the realisation of who you are and what it is you've achieved. Your painting has accompanied you through the major changes you've experienced in life and it forces you to migrate in search of inspiration. After Mexico you were in Barcelona for some time. From there New York. So now, where will your painting be taking you next?

Now I'm planning on moving to Tokyo, it's always been a dream of mine. I think it would help me immensely, especially my art. I hope to leave very soon. I'm extremely attracted by the idea of studying the culture and above all, surrounding myself with oriental art. I am very intrigued by their calligraphy.

How important are human relationships, people and casual encounters?

Very important. Human relations are fundamental. Respect is primary. Without the people I have met in life I wouldn't be who I am today.

Most artists are obliged to accept compromise in order to become a part of the notoriously cynical and ruthless art world and to be able to work. What about you? What are your views on this?

I cannot be a hypocrite and say that my work, as indeed most artists work, doesn't have a commercial side to it, linked to the money and the earnings. I need the money not only to live, but also to continue to paint, to buy the materials, the canvases, the colours, to permit myself the freedom to experiment or travel. Nevertheless I would never consent to deny my true self. If I were ever forced into becoming someone other than the true me I would most definitely rebel, I'd find another, a different path. Those truly enamoured with art and what it encompasses are few, you can count them on one hand, and if you're lucky enough to find someone who is, you must try to keep them close. Those who see you and treat you solely as an asset or a business endeavour are abundant, and I have always tried to keep them at an arms length. I have rid myself of many, others unfortunately I haven't been able to avoid. The risk is that of being left out. If you are too isolated you no longer have any possibility of expressing yourself, and for me, art is all about expressing.



Antonella Fabemoli,
Art critic and writer



TE AMÉ VIENDOTE VOLAR.



Nascido em 1971, em Orzinuovi, Brescia, Itália.
 Hoje vive e trabalha em Akumal, México. / Born in 1971, in orzinuovi, brescia, italy. He currently lives and works in akumal, mexico.

Estudos

- 1985-89** Estudou no Liceu de Art B. Bembo em Cremona, Itália /
 He Studied at the B. Bembo art liceo in Cremona, Italy
- 1989-93** Brera Academia de Belas Artes em Milão, onde se graduou com honras máximas / Brera Fine Arts Academy in Milan where he graduated with maximum honours

Prêmios

- 2010** Finalista de Prêmio Celeste Internacional – Nova York, EUA. /
 Finalist International
 Celeste Prize – New York, USA
- 2005-06** Ministério da Cultura do Governo Japonês corporação Tokio – Japão /
 Ministry of Culture
 Fellowship From the Japanese Government. Tokyo, Japan
- 1998** Bolsa Bancomer. Careyes, México / Bancomer Fellowship. Careyes, Mexico
- 1991** Prêmio de Pintura Primeiro Lugar da Academia de Belas Artes de Brera, Milão / First Place Painting Award from the Fine Arts Academy of Brera, Milan
- 1990** Prêmio de Pintura Segundo Lugar da Academia de Belas Artes de Brera, Milão / Second Place Painting Award from the Fine Arts Academy Of Brera, Milan

Exposições Individuais

- 2010** Bray. Galeria Nine 5. Nova York – EUA. / New York, N.Y.
 De Pequim para Beijim Galeria da Casa Lamm. Cidade do México – México /
 Mexico City Mexico
- 2009** Bray. Galeria Caja Blanca. Cidade do México – México / Mexico City, Mexico
- 2008** TUDO O QUE FLUI. Galeria Nine 5. Nova York – EUA. / New York, N.Y.
 Bray. Galeria Cero. México / Mexico City, Mexico
- 2007** Blanco Milagro Blanco. Galeria da Casa Lamm. Cidade do México – México /
 Mexico City, Mexico
- 2006** Bray. Jean Louis Silve. Valle de Bravo – México / Mexico
- 2005** Bray. Galeria Laboratório de Belas Artes Tokio – Japão/ Tokyo, Japan
 Inalando Tokio . Galeria da Casa Lamm. México D. F. / Mexico D. F.
 80m2 DI Superbia. Galeria Emma de Molina. Monterrey – N. L.
 Retrospectiva de Luca Bray. Castello Sforzesco, Soncino – Itália / Soncino, Italy
- 2004** Mundo Galeria de Arte. Nova York - EUA / New York, N.Y.
 N.Y. T.O.A.S.T. Nova York – EUA / New York, N.Y.
- 2003** Bray. Galeria Emma de Molina. Monterrey – N. L.
 Bray recente trabalho. Galeria da Casa Lamm, México. D.F. / Mexico. D.F.
 Bray recente trabalho. Segovia Issacs Galeria. Barcelona – Espanha /
 Barcelona, Spain
- 2002** Desejos. Galeria Emma de Molina. Monterrey – N. L.
 Gotas de vida. Galeria da Casa Lamm. México - D.F. / Mexico. D.F.
- 2001** Retrospectiva de Luca Bray. Museu de Arte Contemporânea, Morelia, MICH.
 BRAY recente trabalho. JEAN-LOUIS GALERIA SILVE Valle de Bravo,
 México / Mexico
 BRAY recente trabalho. Galeria da Casa Lamm, México - D.F. / Mexico. D.F.
 LUCA BRAY. GALERIA ESPACIO. EL SALVADOR, SAN SALVADOR
- 2000** TRABALHO 2000. Galeria da Casa Lamm. México - D.F. / Mexico. D.F.
 TRABALHO 2000. GALERIA ESPACIO. EL SALVADOR, SAN SALVADOR
- 1999** Apenas um Exemplo. Galeria da Casa Lamm. México - D.F. / Mexico. D.F.
 Por Trás do Céu. Galeria Emma de Molina. Monterrey – N. L.
- 1998** BRAY recente trabalho. DANIELA CHAPPARD FUNDAÇÃO, CARACAS - VENEZUELA

1997 FORMAÇÃO da GALERIA DE ENTRE. PUEBLA, PUE.
Pintura e Escultura. Quintana Galeria Monterde, México - D.F. / Mexico. D.F.
E água disse. Do Instituto de França. México - D.F. / Mexico. D.F.
Pinturas. JEAN-LOUIS GALERIA SILVE. Valle de Bravo, México / Mexico

1996 SOTTILI FILI CONGIUNTI. SFORZASCO CASTLE. Soncino, Itália / Soncino, Italy
Espancamento. SUEËO GALERIA GUAJIRO. México - D.F. / Mexico. D.F.

1995 Pinturas. GALERIA DE ARTE DESIGN. Crema, Itália / Crema, Italy

1994 INSTALAÇÃO e pintura. GALERIA SCIMMIE. MILÃO, ITÁLIA / Milan, Italy

1993 PINTURA GALERIA DE ARTE DESIGN. Crema, Itália / Crema, Italy

1992 Terra de , vento, fogo, água. IL GALERIA DE CONVENTO. Soncino, Itália / Soncino, Italy

Exposições em Grupo

2011 Coleção permanente – ARZOBISPADO MUSEU – Cidade do México – México / Mexico City, Mexico

2010 Corações – Exposição itinerante Início em Puebla – México / Mexico
Prêmio Internacional Celeste– THE INVISIBLE DOG – Nova York / New York N.Y.
México vivo foundation – modern art museum. México / Mexico
City jean-louis silve gallery. valle de bravo, México / Mexico
casa lamm gallery. México - D.F. / Mexico. D.F.
gallery nine 5. Nova York / New York N.Y.

2009 beyond the borders. san diego international art fair. San Siego, US.
caja blanca gallery. México - D.F. / Mexico. D.F.
origin auction. México - D.F. / Mexico. D.F.
mexico vivo foundation. center for german design. México - D.F. / Mexico. D.F.

2008 casa lamm gallery. México - D.F. / Mexico. D.F.
gallery nine 5. Nova York / New York N.Y.
genius loci. palmaria island. Portovenere, Itália / Italy
mexico vivo foundation. México - D.F. / Mexico. D.F.
red cross auction. México - D.F. / Mexico. D.F.

2007 arco art fair. Madrid, Espanha/ Spain
casa lamm gallery. México - D.F. / Mexico. D.F.
artists for aids. red cross. México - D.F. / Mexico. D.F.

2006 arco art fair. Madrid, Espanha/ Spain
casa lamm gallery. México - D.F. / Mexico. D.F.
odalys auction house. Caracas, Venezuela

2005 mundo art gallery. Nova York / New York N.Y.
jean-louis silve gallery. Valle de Bravo, México / Mexico

2004 daniela chappard foundation auction. Caracas, Venezuela
t.o.a.s.t. Nova York / New York N.Y.
segovia isaacs gallery. Barcelona, Espanha / Spain
mundo art gallery. Nova York / New York N.Y.
painting and sculpture. jean-louis silve gallery. Valle de Bravo, México / Mexico

2003 red cross auction. México - D.F. / Mexico. D.F.
sforzesco castle. Soncino, Itália / Italy
segovia isaacs gallery. Barcelona, Espanha / Spain
hacienda - payment in species. arzobispado palace. México - D.F. / Mexico. D.F.

2002 hacienda - payment in species. arzobispado palace México - D.F. / Mexico. D.F.
object art - the secrets. arteum academy. México - D.F. / Mexico. D.F.
jaguar collection. México - D.F. / Mexico. D.F.

2001 talavera: tradition and avant-garde. the american society. Nova York / New York N.Y.
painting and sculpture. jean-louis silve gallery. Valle de Bravo, México / Mexico
hacienda - payment in species. arzobispado palace. México - D.F. / Mexico. D.F.

2000 painting and sculpture. nodo dei desideri. Crema, Itália / Italy
talavera: tradition and avant-garde. Quebec, Canadá / Canada
painting. galería espacio. el salvador, São Salvador / San Salvador.
painting and sculpture. the red cross. México - D.F. / Mexico. D.F.

1999 gallery artists. jean-louis silve, Valle de Bravo, México / Mexico
origins of the name: talavera. the great hall of the government of puebla. Puebla, México / Mexico

1998 art-expo Guadalajara. México / Mexico
painting and installation. the red cross. México - D.F. / Mexico. D.F.

1997 the fight for aids. odalys auction house. Caracas Venezuela
talavera: tradition and avant-garde. amparo museum. Puebla, México / Mexico
kaleidescope. eight italians in mexico. postal palace. México - D.F. / Mexico. D.F.
painting. il cortile dei desideri gallery. Crema, Itália / Italy.
gallery artists. art design gallery. México - D.F. / Mexico. D.F.
gallery artists. jean-louis silve gallery. Valle de Bravo, México / Mexico
saving roots. contemporary art house. Guanajuato, México / Mexico
painting and sculpture. the red cross. México - D.F. / Mexico. D.F.
international contemporary art. quintana monterde gallery. México - D.F. / Mexico. D.F.
design - object. gallery of mexican design. México - D.F. / Mexico. D.F.

1996 spazio brera. brera palace. Milão, Itália / Milan, Italy
the fight against aids. odalys auction house. Caracas, Venezuela
gallery artists. jean-louis silve gallery. Valle de México / Mexico

1995 art and style. arte spazio, Urago d'Oglio, Itália / Italy.
painting. il cortile dei desideri gallery. Crema, Itália / Italy.
visual art. social project. tamburini factory. Crema, Itália / Italy.

1994 form, sign and colour. Palazzo Benzoni, Itália / Italy

1993 painting and sculpture. valentini museum. Roma Itália / Italy

1992 painting. art design gallery. Crema, Itália / Italy.

1989 pa. via fiori chiari. Milão, Itália / Milan, Italy

1988 installation, sculptur

Trabalhos em Coleções Públicas

The jumex collection - Mexico City and Los Angeles California
The arzobispado museum - Mexico City
The civic museum - Lodi, Italy
Amparo museum - Puebla, Mexico
Contemporary art museum - Morelia, Mexico
Modern art museum - Sinaloa, Mexico
Casa de francia - Mexico City
Secretaria de hacienda y comercio publico collection - Mexico City
The government of soncino - Soncino, Italy

Exposição

Beginnings

Autor

Luca Bray

Produção

Galeria Art Lounge

Assessoria

Paula Fernando Fragoso

Coordenação

Ricardo Tenreiro da Cruz

Curadoria

Ricardo Tenreiro da Cruz

Textos

Germaine Gómez Haro

Director of Promotion and Culture,

Casa Lamm. Cidade do México

Antonella Fabemali,

Art critic and writer

Revisão

Ricardo Tenreiro Da Cruz

Fotografia

Galeria ArtLounge,

Alec Von Bargaen

www.alec360.com

Design Gráfico

+2 (mais2designers.com)

Impressão e Acabamentos

Geração Criativa Artes Gráficas

Rua António Enes, 9c

1050-023 Lisboa . Portugal

T + 351 213 146 500 . + 351 917 250 181

art@artlounge.com.pt

www.artlounge.com.pt

Horário segunda a Sábado das 11h00

às 19h30



CAMPANHA LEASING 100% PROFESSIONAL

AGORA É AINDA MAIS FÁCIL ESCOLHER O SEU NOVO VEÍCULO COMERCIAL

Desde

€5.85/dia*

TAEG 2.6%

48 meses

Montante Financiado €9.529

Valor Residual €1.429



CRÉDITO

* Leasing FGA Capital IFIC SA sujeito a aprovação. Aos valores referidos acresce IVA. Exemplo para Fiorino 1.3 MTJ 75cv, PVP chaves na mão €11.721. €175/mês.TAN Fixa 0,75%. Montante total de €10.086. Campanha válida até 30/06/2011.